

**AS GÍRIAS UTILIZADAS PELOS ADOLESCENTES  
QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS  
NAS UNIDADES EDUCACIONAIS DE INTERNAÇÃO  
E SEMILIBERDADE EM MATO GROSSO DO SUL**

*Luciana Martha Carvalho de Jesus* (UEMS)

[lu.martha@hotmail.com](mailto:lu.martha@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@hotmail.com](mailto:natanielgomes@hotmail.com)

## **1. Introdução**

De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), em 1996 havia 4.245 adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de internação no Brasil. Atualmente esse número chegou a 14.074, isto é, houve um acréscimo de 325%.

Em Mato Grosso do Sul, segundo a Superintendência de Assistência Socioeducativa (SAS), há cerca de 240 (duzentos e quarenta) adolescentes internos, distribuídos em 9 Unidades Educacionais de Internação (UNEI) e 2 de Semiliberdade (UESL).

A linguagem utilizada por eles é singular, pois quem não a domina não compreende o conteúdo das mensagens propagadas, gerando constrangimentos e desconfortos entre adolescentes, educadores e sociedade.

A gíria é utilizada pelos adolescentes cumpridores de medidas socioeducativas e, por meio dela, eles conseguem se expressar e expressar suas vontades, suas necessidades e seus anseios, além de conseguirem manter a sua linguagem hermética.

Este trabalho terá como base o processo de adaptação pelo qual passa o adolescente recolhido em uma Unidade Educacional de Internação do Estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, buscaremos dar exemplos de gírias utilizadas pelos internos.

## **2. As unidades educacionais de internação e semiliberdade**

A violência praticada por adolescentes aumenta diariamente no cenário brasileiro, e para explicarmos melhor esta questão, devemos re-

meter-nos a origem da política pública infantil e juvenil em nosso país.

Após a 2ª Guerra Mundial, houve carência de mão de obra feminina nas fábricas, e as crianças passaram a ficar sozinhas em casa a mercê do abandono. Mais tarde, quando se tornaram adolescentes revoltados com a situação, constituíram-se em gangues, apresentando comportamentos de rebeldia e agressões. Como estas atitudes violentas tornaram-se rotineiras, ocorreu a necessidade de repensar sobre essa fase (a adolescência), transformando-a em alvo de pesquisas e reflexões. A criança e o adolescente passaram a ser compreendidos como sujeitos em formação, e por isso, merecedores de práticas educativas diferenciadas.

No Brasil, esse processo teve início em 1979, com a criação de códigos para menores, mas o grande marco foi na Convenção Internacional dos Direitos da Criança das Nações Unidas, que culminou no surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 13 de julho de 1990, com o objetivo de garantir os direitos e deveres de cidadania da Criança e do Adolescente. Em seus 267 artigos, o ECA faz referências sobre política de saúde, educação, adoção, tutela e colocações sobre autores de atos infracionais. E é sobre este último que faremos menção neste trabalho.

De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), em 1996 havia 4.245 adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de internação no Brasil. Hoje esse número aumentou para 14.074, isto é, houve um acréscimo de 325%. Os tipos de infrações mais praticados são: delitos contra o patrimônio, homicídio e tráfico de entorpecentes. Em Mato Grosso do Sul, segundo a Superintendência de Assistência Socioeducativa (SAS), há cerca de 240 (duzentos e quarenta) adolescentes internos, distribuídos em 8 (oito) Unidades Educacionais de Internação (UNEI) e 1 (uma) de Semiliberdade (UESL). Em Campo Grande esse número é de 117 (cento e dezessete) adolescentes internos. A finalidade das medidas socioeducativas é a ressocialização desses adolescentes em conflito com a lei, por meio de aulas curriculares, atendimento psicossocial, cursos profissionalizantes, dinâmicas em grupo, e outras atividades afins.

A educação é o agente transformador de maior importância na execução da ressocialização do adolescente infrator, pois seu principal fim é a formação do homem. Ela “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações

da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LDB nº 9394/96, art. 1º).

É por meio da educação que o sujeito conseguirá ser capaz de vencer as dificuldades e os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que eles sejam. A inserção desses jovens no convívio familiar e na sociedade é o grande desafio de todos os envolvidos no sistema educacional. Mas, antes de restituí-los à sua comunidade, esses jovens recolhidos nessas Unidades Educacionais precisam interagir como os outros adolescentes internos. Talvez esse seja o processo mais intrincado para os socioeducandos, pois, adaptar-se a um ambiente muitas vezes hostil e, principalmente, conviver com um grupo social o qual a sociedade exclui declaradamente, é certamente, no mínimo, um tanto incomum.

### 3. *Sobre as gírias*

Conforme Burke (1997), a maioria dos estudos sobre a língua de classe é bidimensional, falhando ou na abordagem histórica ou na dimensão social. Mas é impossível fazer um bom trabalho do que seria a sociolinguística, sem prestar atenção à história social, já que ela é cheia de solidariedades e conflitos, continuidades e mudanças.

Durante um bom tempo, os jargões eram estudados como um conteúdo de mera curiosidade, mas especificamente até o século XIX, até o surgimento da Linguística. Quando foram feitas tentativas de definir o jargão e a gíria, observa-se que são línguas que servem como um tipo de suplemento ao vernáculo, não como uma alternativa do idioma.

A língua dos religiosos deu o pontapé inicial aos estudos sociolinguísticos, antes mesmo de ter esta nomenclatura, mais especificamente, a língua dos primeiros cristãos. Na 1ª Guerra Mundial, surgiram vários estudos dedicados à gíria dos soldados. Além dos estudos sobre o jargão dos estudantes, definindo os jargões profissionais, consequentemente distinguindo o pidgin e crioulo.

O termo jargão foi criado para depreciar a língua dos outros, como se fosse um gargarejo. Tal noção de desprezo não é nova, os gregos já usavam *barbaroi* para retratar aqueles que não sabiam o idioma, não sendo capazes de produzir mais do que sons incompreensíveis para os ouvintes helênicos.

A crítica ao jargão está ligada ao modelo da gramática normativa,

que é imposto por uma minoria, normalmente elitizada e preconceituosa, que o vê como uma deformação da língua, ou seja, defende-se o cânon ou pureza de um grupo que impôs um modelo “puro” vernáculo que rejeita o jargão dos outros grupos, todavia aceita o seu.

Grupos secretos, tais como a maçonaria, têm a necessidade de utilizar uma língua que seja entendida somente pelos seus membros. Isto quer dizer que o uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão.

É importante perceber que para Câmara Jr. (1986, p. 127) gíria e jargão seriam basicamente a mesma coisa. Ele cita Marouzeau (1943, p. 36) quando diz que o jargão/gíria é “fundamentado num vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes”.

Câmara Jr. (1986, p. 127) ainda fala da Língua Especial, que trata de um simples vocabulário técnico, sem intenção de estilo do grupo. O que é diferente do jargão/gíria, já que num sentido amplo, ela representa um conjunto de vocábulos que generalizam o estilo de um determinado grupo.

A gíria é o mecanismo de comunicação utilizada pelos adolescentes cumpridores de medidas socioeducativas.

Borba (1971, p. 77) define gíria como: “linguagem técnica usada pelos indivíduos quando postos em circunstâncias especiais. Essas podem ser o grupo social ou profissional a que pertence o falante ou as diversas situações da vida cotidiana”.

A gíria, mesmo tratada por alguns estudiosos como forma peculiar da língua, utilizada, preferencialmente, por jovens e marginais, é elemento fundamental para atender as necessidades de um grupo da sociedade que tenham interesses afins. Assim esclarece Cabello (1996, p. 195) que “a gíria só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de identidade e de defesa social do grupo que a utiliza”.

#### ***4. Algumas gírias utilizadas pelos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em Mato Grosso do Sul***

Este trabalho é o primeiro de uma série que pretendemos desenvolver nos próximos anos sobre gírias. Por isso, vamos nos limitar a citar

alguns exemplos coletados e seu respectivo significado. Vale lembrar que está disponível no site do Ministério Público do Ceará uma lista de 12 páginas com as principais gírias e tatuagens utilizada por detentos do Estado<sup>121</sup>, muitas são semelhantes aos adolescentes que cumprem pena em Mato Grosso do Sul.

Os dados apresentados abaixo foram coletados pela primeira autora do artigo.

Gíria	Significado
jega <sup>122</sup>	cama
boi	vaso sanitário <sup>123</sup>
pisante <sup>124</sup>	sapato
cascuda	marmita <sup>125</sup>
gera <sup>126</sup>	revista completa
marrocos	pão
areia	açúcar
bereu	carta
coruja <sup>127</sup>	cueca
veneninho	suco
bombeta	boné
dentalha	escova de dentes
beca	calça
berma	bermuda
verdinho <sup>128</sup>	tereré
ducha	banho
espuma <sup>129</sup>	colchão
tela	televisão
lamparina	lâmpada
mastigue	biscoito
teresa	corda de lençol para fuga
pá	colher

---

<sup>121</sup> Veja a lista de palavras selecionada em:

[http://www.mp.ce.gov.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias\\_detentos.pdf](http://www.mp.ce.gov.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_detentos.pdf).

<sup>122</sup> A gíria “jega” também é encontrada no sistema penitenciário, com o mesmo significado.

<sup>123</sup> Em prisões o termo designa também o buraco destinado a necessidades fisiológicas.

<sup>124</sup> A expressão “pisante” tem a mesma forma e significado no sistema penitenciário.

<sup>125</sup> Em prisões o termo designa a vasilha utilizada nas refeições.

<sup>126</sup> Existe a variante “geral” nas prisões.

<sup>127</sup> No sistema prisional há a variante “corujar” com o sentido de “observar”.

<sup>128</sup> Podemos encontrar nas prisões o homônimo “verdinho, verde, verdinha” referindo ao “dólar”.

<sup>129</sup> Nas prisões podemos encontrar a variante “comarca”.

Note-se que, nos exemplos acima, a seleção do léxico utilizado pelos adolescentes selecionados apresenta diversos tipos de relação com outras palavras de uso corrente pelos falantes da língua portuguesa. Gírias como “pisante”, “dentalha”, “berna”, “ducha”, “lâmparina”, “mastigue” e “pá” de alguma forma estão dentro do mesmo campo semântico e remetem ao sentido pretendido, ou seja, como um tipo paráfrase baseado no léxico empregado.

Neste sentido, a seleção de palavras está ligada ao esquema de imagens, sendo elas a forma central da estrutura conceitual conforme os pressupostos da semântica cognitiva. E, de acordo com a teoria, a partir da experiência física de ser e de agir no mundo, os falantes formaram estruturas conceituais básicas com as quais organizaram o pensamento sobre outros domínios.

O aspecto visual é muito presente nos exemplos acima. “Boi” refere-se ao “vaso sanitário”, provavelmente, a relação é visual entre as duas palavras. O boi grande e branco assim como o vaso sanitário. A gíria “areia” refere-se ao “açúcar” associando ao visual novamente, aos grãos comuns entre os dois e a cor aproximada. A quantidade de suco e talvez o sabor faz com que o suco receba a forma pejorativa de “veneninho”, uma referência ao vício, o que é comum nas gírias de cadeia (REMENCHÉ). A erva utilizada no tereré é verde, daí a palavra utilizada por eles como referência ser “verde” também. O colchão que perde todas as suas capas, forros e proteções, ficando somente com o a “espuma”, recebe o nome metonímico para se referir ao mesmo conceito.

## **5. Conclusão**

Nossa pesquisa ainda está no seu início, mas já podemos perceber como as gírias coletadas buscam no léxico da língua muitas de suas referências, seja subtraindo morfemas, acrescentando, buscando no cotidiano dos presos elementos que reflitam sua realidade, na polissemia, na homonímia.

Por outro lado, ficam evidentes que tais gírias são herméticas, logo difíceis de serem compreendidas por aqueles que não estão inseridos no grupo, sendo realmente uma forma de proteção e identificação dos membros. Sendo a linguagem criptológica ligada à noção de gíria como signo do grupo. Ela

transmite e mantém os valores, conhecimentos e a realidade do grupo com

uma forte tendência à concretização do abstrato. Além disso, no ambiente social, empresta um forte traço de denúncia e insatisfação com as diferenças que separam os homens, justificando, dessa forma, a depreciação constante de seres, valores e instituições advindos da sociedade dominante. Portanto, a gíria serve como um instrumento de ataque, uma vez que vai contra as regras da língua falada pela sociedade, e como protesto contra as demais regras desta mesma sociedade. É a forma encontrada para sair do anonimato, para serem diferentes de alguma forma.(REMENCHE)

Esperamos prosseguir com o trabalho e organizar um dicionário de gírias utilizadas pelos jovens infratores de Mato Grosso do Sul, que será de muita utilidade nas pesquisas sociolinguísticas, sociológicas ou mesmo para leigos interessados no assunto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORBA, F. S. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURKE, Peter, e PORTER, Roy (Org.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. 1 reimp. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CABELLO, A. R. G. *Processo de formação da gíria brasileira*. São Paulo. Universidade Estadual de São Paulo, 1996.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CORRÊA, J. C. P. “*O universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná*” (tese). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social – Brasília, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. *Gíria: a linguagem no sistema*

penitenciário. Disponível em:

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci164.htm>>. Acesso em: 20-11-2012.

OLIVEIRA, Aderlan Messias. *Influência e significado das gírias de detentos no interior de uma cadeia da cidade brasileira de Barreiras no interior do Oeste da Bahia*. Monografia apresentada ao Curso de Direito da Faculdade São Francisco de Barreiras: Barreiras, 2011.

SILVA, José Luiz. *Estatuto da Criança e do Adolescente: 852 perguntas e respostas*. São Paulo. Juarez de Oliveira, 2000.

SUPERINTENDÊNCIA de Assistência Socioeducativa. *Estatística anual de adolescentes internos nas Unidades Educacionais de Internação (UNEI) em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande (MS), 2011.